

THESE

PARA

O CONCURSO DA CADEIRA

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

DO EXTERNATO DO COLLEGIO PEDRO II

POR

FRANKLIN DORIA

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31

—
1878

THESE

THESE

PARA

O CONCURSO DA CADEIRA

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

DO EXTERNATO DO COLLEGIO PEDRO II

POR

FRANKLIN DORIA

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 31

—
1878

1.482.514AA
11/03/2016

THESE.

POETICA.

- I. Poetica; seu objecto; sua importancia. — II. Da arte e da poesia em geral. — III. Relações da poesia com as outras artes. — IV. Caracteres essenciaes da poesia; differenças entre ella e a prosa. — V. A poesia comparada com a eloquencia e a historia. — VI. Qualidades do poeta. — VII. Divisão da poesia.

I

Muito antes que a expressão do bello pela poesia tivesse attrahido as investigações da sciencia e suscitado a idéa dos preceitos experimentaes, a poesia, entregue á fôrça exclusiva da inspiração, havia já percorrido com esplendor as várias phases do seu desenvolvimento historico. A' poetica de Aristoteles, a mais antiga que se conhece, precederam com effeito esses famosos monumentos que o genio da Grecia successivamente erigiu sob a fôrma do hymno, da epopeia, da elegia, da ode e do drama.

Como todas as artes, pois, a arte poetica é filha da observação racional e do exemplo consagrado por admiração diuturna. Elevando-se á altura da especulação philosophica e por outro lado recolhendo as lições encerradas nas obras primas, verifica os principios fundamentaes da poesia, assim como expõe a serie das regras que lhe são peculiares.

D'este modo a arte poetica tem por objecto o estudo theorico e práctico da poesia.

Sob o aspecto theorico ella considera a poesia quanto á sua natureza, aos seus meios expressivos, á sua manifestação na ordem dos tempos e ás transformações n'ella operadas pela influencia do progresso social, desde as epochas primitivas. Entretanto, como a indole da poesia não póde ser bem comprehendida por mera abstracção, mas pelo conhecimento exacto da essencia da arte, antes de tudo a poetica desenha a physionomia das bellas-artes, definindo-lhes o objecto e o fim proprios; e, de accôrdo com as analogias e as differenças que aproximam ou separam umas das outras, chega á conclusão de que no meio d'ellas a poesia occupa logar de irman e junctamente de rainha.

Sob o outro aspecto traça a poetica as normas adequadas aos generos especiaes em que a poesia se traduz, e entra nos pormenores relativos aos elementos musicaes da versificação, revelando os

segredos do metro, do rhythmo, da medida, ou da pausa, da rima, da cadencia.

Com excepção da poetica de Aristoteles, as poeticas mais célebres de outr'ora são escriptas no sentido puramente práctico; dão, sim, preceitos até certo ponto salutaes; emittem juizos dictados muitas vezes pela delicadeza do gôsto unido á sagacidade da anályse; mas afinal de contas não ultrapassam as raiaes do empirismo, não tendem a outro fim além da composição das obras em verso ajustada a certos moldes convencionaes.

A poetica de Aristoteles, com as regras que estabelece ácêrca da tragedia e da epopeia, mistura observaões capitaes sobre a arte, fazendo-a consistir na imitação da natureza.

Mas a epistola de Horacio aos Pisões, depois impropriamente denominada arte poetica, e como tal ainda hoje admittida, supposto seja abundante de regras e conceitos preciosos, não tracta de assumptos especulativos do bello. Tambem a respeito d'elles é omisso Boileau, cuja arte poetica reviveu a epistola do poeta latino, transfigurada menos pelas differenças do tempo, que pela graça e finura do genio francez. O mesmo silencio se poderia notar em relação a outras poeticas afamadas.

E' só de alguns annos a esta parte que se tem alliado o estudo da poetica ao da philosophia da arte em seus pontos de contacto com a poesia;

o que se pôde attribuir ao desenvolvimento da esthetica ou sciencia do bello, a qual, apenas entrevista na antiguidade, veiu a constituir-se definitivamente no seculo actual.

Entretanto que influencia não exerceu no mundo litterario qualquer das poeticas mencionadas! Que fôrça não assumiram seus preceitos, convertidos em canones!

Nenhuma d'ellas, porém, avassallou tão despoticamente os espiritos, nem por tão largo espaço prevaleceu, como essa poetica de Aristoteles, apesar de incompleta e interpolada, apesar principalmente das inexactidões e falsidades que certos traductores lhe acrescentaram.

Conhecida na Grecia quando alli a poesia começava a declinar, a obra de Aristoteles, mais tarde, na edade florescente da litteratura latina, inspirou a arte poetica de Horacio, que de alguma sorte a reflecte. Tornara-se assim ainda mais apreciada entre aquelles que faziam timbre de imitar os modelos gregos, por Horacio mesmo encarecidos. E, comquanto a edade média não podesse admirar senão a supremacia do philosopho de Stagyra, em chegando o renascimento das lettras, a poetica de Aristoteles é aceita como um codigo sagrado, revestido da sancção dos seculos.

Predomina a sua auctoridade por toda a parte, e especialmente na França, durante a gloriosa

epoca em que Boileau, aclamado legislador do Parnaso, emparelha com o grande rei; predomina até os dias mais chegados a nós, e só então auctoridade tamanha é abatida pela revolução litteraria que, libertando a poesia do jugo do pseudo-classismo, a restituiu á inspiração espontanea do genio nacional de cada paiz.

Do exposto se infere a importancia que mereceu a poetica no dilatado periodo a que se acabou de alludir. Deverá, porém, ella gozar de igual importancia na litteratura hodierna?

Sem dúvida exageram além de toda a expressão a necessidade e efficacia de suas regras os que as apresentam, não como simples dictames do bom senso e do bom gôsto, mas como outras tantas leis absolutamente obrigatorias.

Têm sempre semelhantes regras uma parte vaga, incompleta, artificial; é o seu lado fraco, que lhes attenua o alcance, e desafia sensatas reservas. Não póde, pois, o espirito cegamente submeter-se a ellas. Se Corneille e Racine tiveram de transportar para a scena franceza a tragedia com as feições que Aristoteles lhe dera na sua poetica, Shakspeare e Calderon, afastando-se das leis das tres unidades attribuidas áquella poetica, crearam o theatro inglez e o hespanhol, e lhes communicaram assim essa originalidade vivaz, que nenhum outro possui. Se tambem os poemas homericos e o virgiliano, pela poetica an-

tiga foram impostos como typos da epopeia, nem por isso Milton e Klopstock, tomando por modelo a Biblia e por guia o seu proprio genio deixaram de produzir dois dos grandes monumentos epicos modernos.

E' que se torna caduca e perecedora a parte convencional, facticia das regras. O genio mais cedo ou mais tarde sacode as cadeias com que pretendem arbitrariamente tolher-lhe o vôo, e afinal por impulso unanime ellas são para sempre despedaçadas.

Mas ácima das regras estreitas e mesquinhas elevam-se os grandes principios, assentes em leis naturaes e verdades irrefragaveis. São elles que dirigem o espirito através das análises psychologicas do bello, e tendem a explicar a alliança harmonica da idéa e da fórma nas obras da arte, alliança da qual emana o bello, vivificado pela luz do ideal eterno.

De taes principios sobretudo é que a poetica deriva a sua importancia.

Fôra licito ao poeta desprezá-los ou sequer infringi-los? Terá porventura certo sainete de moda o proclamar, a pretexto da independencia e personalidade artistica, a completa exclusão de qualquer lei nos dominios da arte, fazendo depender a belleza da obra unicamente da energia creadora do engenho humano.

Não obstante, será sempre certo que o poeta,

o critico, o artista em geral, ainda o que for dotado com o mais pujante e fecundo engenho, precisam prestar attenção a esses principios superiores que presidem ás manifestações artisticas do bello.

II

Ora, de todos os principios estheticos o que, por assim dizer, serve de base á theoria da arte, refere-se ao objecto da arte ou á maneira de concebê-la.

O objecto da arte é assumpto sobremodo controvertido; de sorte, que desde tempos remotos, a começar de Platão até hoje, não teve ainda solução definitiva.

No meio, porém, das divergencias podem assignalar-se duas opiniões principaes, a que as outras mais ou menos se prendem. São opiniões exclusivas e oppostas. Uma faz consistir a arte na imitação da natureza ou da realidade exterior: é o realismo. A outra contempla a arte como a interpretação da natureza pelos meios mais expressivos, ou como a representação ideal do bello: é o idealismo.

Conforme o realismo, a arte deve reproduzir tudo o que ella é capaz de imitar na esphera da natureza. N'este sentido tem o mesmo valor para ella o bello ou o feio, a virtude ou o vicio, o bem ou o mal; julga legitima a expressão de tudo

isto; tudo isto põe patente, sem excepção do que o pudor costuma encobrir, e a delicadeza afastar dos olhos, não duvidando até preferir ao espectáculo do bello a exposição das mais extraordinarias deformidades.

Quem para logo não percebe que, assim comprehendida, a arte em vez do puro sentimento do deleite, causará tédio profundo, acompanhado muitas vezes de asco?

De suas combinações ella sem dúvida não exclue elementos contrarios ao bello; mas não os emprega, senão pela necessidade de estabelecer contrastes, destinados a realçar-lhe os effeitos. A tal necessidade, portanto, os restringe; só na proporção exigida por esta os applica, á maneira de um recurso transitorio, accidental.

O que de si mesmo é feio, hediondo, por melhor imitado que seja, não logra tornar-se agradável. Não pensavam assim Aristoteles e Boileau; mas, se a presença de uma figura revestida de fôrma artistica, apesar da sua fealdade, influe no ánimo certo prazer, não é pela recordação do original, mas pela admiração do talento que soube executar semelhante obra, dando-lhe uma expressão esthetica superior.

Logo, portanto, que a arte se empenha em revelar toda a casta de deformidades, physicas ou moraes, e, com sacrificio do bello, as accumula

sem conta nem medida, certamente falseia o seu objecto, traição a sua missão.

Entretanto o realismo, imitando sem selecção os objectos da natureza, de mais a mais os traslada integralmente, com o rigor de fidelidade de uma traducção litteral.

Mas a arte se tornaria superflua, se com effeito estivesse adstricta a espelhar a crua realidade. A suas contrafacções fôra preferivel a obra viva da propria natureza.

Depois, se a conformidade do objecto imitado com o respectivo modelo bastasse a satisfazer o espirito na contemplação da arte, então qualquer das Madonas insignes valeria menos que a photographia de uma galante mulher; e ás primorosas estatuas gregas levariam a palma essas figuras humanas que, moldadas em cêra colorida, á primeira vista produzem a completa illusão do natural.

A arte mesma se encarrega de contradizer na práctica esse mechanic process que a obriga ao papel de simples copista; porquanto a escultura, a pintura, a musica, a poesia, por amor do sentimento esthetico, omitem nas suas producções varios pormenores que a natureza accentúa, ou acrescentam outros alheios á realidade exterior.

Por tudo, pois, ha mister procurar-se a explicação da essencia da arte em um princípio do bello, unico, absoluto, immutavel, extreme das im-

perfeições que degradam o bello manifestado pela natureza finita. E' sob o influxo d'esse ideal supremo que a arte procura decifrar o bello, em face do mundo exterior e do mundo moral, duplo theatro em que elle se ostenta; expunge-o de todos os accessorios inuteis, assim como lhe dá relêvo aos attributos caracteristicos; até que, de baixo de novo aspecto, o reproduz mais eloquente e encantador.

Quando assim a arte consegue o accôrdo da idéa e da fôrma, graças á inspiração espontanea do artista, que lhe imprime o sêllo indelevel da sua personalidade, a arte longe de imitar a natureza, a interpreta do modo mais expressivo.

O idealismo se resume em similhante interpretação; e de conformidade com elle a arte pôde ser definida a representação do bello por meio de fôrmas ideaes.

Por que maneira entretanto a poesia preenche as condições geraes da arte?

A representação do bello pela poesia depende do mesmo principio commum ás outras artes. Tambem a poesia idealisa o mundo real e o mundo infinito do espirito; escolhe n'elles os assumptos de suas concepções, e as torna significativas, encarecendo-lhes tanto o sentido, como a fôrma da palavra rhythmica sob a qual se revela.

Assim a poesia offerece ao espirito sómente a verdade ideal, complexo de pensamentos, sen-

timentos, acções, factos, despojados de qualquer alcance prático ou interesse positivo. Narra, mas não com a severidade *analytica* da historia; ensina, mas avessa ás fórmulas das inducções e deducções scientificas; discorre, convence, commove, mas sem a observancia estricta dos preceitos da eloquencia.

Por outra parte, nas suas narrações foge de multiplicar episodios; economisa demonstrações quando se faz didactica; empresta breves discursos aos seus interlocutores; enfim, das suas pinturas elimina todas as particularidades ociosas.

Concentrada por taes meios, destaca-se a representação poetica pela proeminencia dos traços e contornos principaes dos caracteres, das figuras, dos quadros e das scenas. Para dar-lhes vulto concorre notavelmente por seu turno a palavra articulada, já pelas galas e matizes de seu estylo grandiloquo, já pelos artificios da versificação, ricos de effeitos de melodia e harmonia.

Apezar, porém de ser tão naturalmente adaptada ao bello ideal, a poesia foi tambem invalida pelo realismo, encarnado sobretudo no romance, o qual não deixa de ser em certo sentido um producto poetico.

O romance realista acaso tem a pretensão de substituir ao idealismo litterario, que elle affecta confundir com as pieguices de um sentimentalismo alambicado, como se o idealismo devéras

consistisse n'essas ridiculas abstracções de imaginações doentias.

O certo é que o romance realista parece haver-se tornado no estrangeiro, e nomeadamente em França, a fórma predominante e predilecta da litteratura contemporanea. N'aquelle paiz têm-lhe dado aspectos multiplos os Champfleury, Feydeau, Flaubert, Goncourt, Zola; e já o classificaram em attenção a várias especies, denominadas realismo burguez, imaginario, physiologico, byroniano. Mas afinal todas estas especies filiam-se ao typo generico do realismo, distinguindo-se pela anályse anatomica e deslavada das miserias e torpezas humanas.

III

Conforme se acabou de indicar, a poesia, assim como as outras artes, aspiram a exprimir o bello ideal, fonte inexaurivel da inspiração; e tal pendor entre todas estabelece evidentes relações de identidade.

Ha, porém, outras relações que se apreciam pelo grau de valor das fórmas especiaes da arte, aferido pelo alcance e energia da expressão inherente a cada uma d'ellas. Convém, pois, considerar estas outras relações, que são as unicas proprias a graduar estheticamente a escala da classificação das artes.

No primeiro degrau inferior d'esta escala er-

gue-se a architectura. O seu dominio é limitado excessivamente pela materia inorganica que ella accumula ou juxtapõe. Nas suas construcções, embora fabricadas geometricamente, com ordem e symetria, mal se reflecte a luz do espirito, que transparece, quando muito, através de fórmulas symbolicas.

A esculptura já tem mais largo dominio; comprehende todo o reino animal. Se ella, á similitude da architectura afeiçoa a materia com as tres dimensões, se na combinação das linhas e das fórmulas observa as leis geometricas, sobrepuja a architectura no tocante á expressão do pensamento que traduz em certa medida. As suas imagens são com effeito fórmulas visiveis animadas, sobretudo aquellas que representam a figura humana, destinada outr'ora a recordar a magestade e a calma dos deuses.

Encerrada na superficie dos planos, a pintura serve-se da materia já privada de uma das suas dimensões; mas em compensação dispõe dos recursos proprios da côr, bem como do contraste da luz e das sombras, e por meio da perspectiva supprime a desvantagem que lhe resulta da estreiteza do espaço a que fica circumscripta. Permittem-lhe taes recursos representar o mundo real mais amplamente do que a architectura e a esculptura, e assim tambem exprimir, melhor do que estas, sentimentos e paixões.

Mediante o arranjo rhythmico de series de notas successivas e de grupos de notas accordes, a musica tira do som as melodias e as harmonias com que povôa o seu dominio. Não alcança de certo interpretar o pensamento senão de uma maneira relativa; mas exprime o sentimento com admiravel successo. Pelo phenomeno passageiro do som transmite os tons variadissimos da linguagem do coração, e o modo vago mesmo por que o faz não deixa de impregná-la de certo encanto mysterioso.

O som tambem presta á poesia o seu elemento material, regulado, não conforme ás exigencias da escala diatonica, mas em obediencia a certas leis phoneticas attinentes á estructura organica da palavra. Emquanto a representação do bello pela musica encerra-se no som, elaborado como um signal de valor independente; emquanto, nas artes de desenho ou na architectura, na esculptura e na pintura, aquella representação restringe-se á pedra, ao metal, á madeira, á côr, a poesia emprega o som articulado como o vehiculo natural e o signal immediato do pensamento, e, aos dotes importantes ajunctando-lhe predicados de subido apreço, faz da palavra o mais bello e o mais poderoso instrumento de expressão humana.

D'aqui nasce, antes de tudo, a preeminencia de que a poesia goza em suas relações com as outras artes.

Outras circumstancias entretanto lhe asseguram preeminencia tão legitima.

A poesia não só abrange na sua representação uma esphera mais vasta do que a reservada ás outras artes, mas tambem interpreta o bello ideal com uma fôrça e podêr incomparavelmente superiores á fôrça e podêr essenciaes aos meios expressivos das outras artes.

A esphera da poesia é o universo inteiro; é a natureza organica e inorganica; é a sociedade, desdobrada na vida íntima ou na vida pública, com seus usos, costumes, leis, instituições, com sua religião e com sua historia; é o espirito humano, emfim, absorto em todas as concepções da phantasia, que por si só é capaz de crear milhões de mundos.

Quanto á linguagem poetica, pela sua virtude nativa, como pelos accessorios com que a exorna a poesia, ella é de molde para exprimir com inteireza de sentido o que não logram as outras artes exprimir vagamente sequer, e ainda para reunir e resumir todos os modos de expressão a que ellas se soccorrem.

Nenhuma arte seguramente reproduz como a poesia o fluxo e o refluxo das idéas, dos sentimentos, das paixões que inundam a alma humana no meio das bonanças e das tempestades da vida.

Por outro lado, adstricta a impressionar o

espírito pelo ouvido, a poesia, pelo mesmo sentido, nos insinúa os effeitos da musica, e demais a mais, pela imaginação, apresenta ao espírito todos os objectos que pela vista lhe transmittem as artes de desenho.

A poesia é profundamente musical. Além da harmonia euphonica do vocabulo, da harmonia rhythmica da phrase, da harmonia imitativa da phrase ou do vocabulo, tem a harmonia metrica. Rivalisa, pois, com a musica, sobretudo quando chega a ser tão harmoniosa, como devêra ter sido na metrica dos poetas gregos e latinos; como o foi modernamente nos versos de Racine e de Lamartine, e, porque não citar um exemplo nosso? nos cantos de Gonçalves Dias.

Suas relações de analogia com as artes de desenho tambem são incontestaveis. Pela construcção symetrica e numerosa do periodo, pela personificação arrojada das prosopopeias e das apostrophes, pelo recamo e colorido do estylo, pela viveza das enargueias, das comparações e das metaphoras, a poesia parece, ora copiar as fórmulas grandiosas da architectura, ora esculpir em bronze ou em marmore macisso, ora tomar a palheta e o pincel do pintor. Isto nos explica porque a poesia antiga tem sido comparada á esculptura, e a poesia romantica á pintura. « A poesia pagan, diz madame de Staël, devia ser simples e saliente como os objectos exteriores; a poesia christan

precisa das mil côres do arco-iris para não se perder nas nuvens. »

IV

Os caracteres propios da poesia colhem-se do que se tem dito. Já se viu que nem todas as idéas lhe merecem o mesmo valor, havendo até muitas que ella inteiramente rejeita; já se viu tambem que não lhe satisfaz qualquer modo de expressão, e que, além d'isto, a expressão por ella empregada está sujeita a regras fixas especiaes.

Cifram-se portanto os caracteres essenciaes da poesia na substancia da sua concepção e juntamente na contextura da sua fôrma exterior; duplo assumpto que a poetica estuda, determinando a natureza do pensamento poetico e bem assim os elementos da linguagem que o traduz.

Uma vez que a poesia não contempla a natureza na fria nudez da realidade sensivel, porém modificada pelo bello ideal, o pensamento poetico nasce no espirito, já transmudado na imagem de baixo de cujo aspecto foi concebido. Filha mimosa da faculdade creadora da imaginação intuitiva, a imagem torna assim o pensamento poetico essencialmente figurado.

Mas, como ella se manifesta pela palavra, á qual se incorpora, a linguagem poetica por sua vez toma character figurado muito predominante.

A imagem n'este sentido liga se tão intimamente á poesia, como as fórmulas geometricas e a apparencia colorida ás artes da vista, e ainda a melodia e a harmonia á musica. O seu effeito é, tambem, representar saliente e lucido o respectivo objecto, attrahindo sobre este a attenção do espirito.

Para consegui-lo basta á imagem caracterisar a sua representação pela feição distinctiva, que muitas vezes pôde ser designada por um attributo simples, como succede na Iliada. Mas ordinariamente o envolvero da imagem é a figura, e sobretudo a metaphora e a comparação.

Nos primordios da vida social a linguagem humana é luxuriante de toda a sorte de imagens. Ainda visinho á natureza, o homem, por uma especie de intuição, recebe d'aquella as mais profundas impressões, e as communica irreflectidamente por meio de imagens, que a propria natureza lhe suggere, tão singelas, como pittorescas.

Em similhante estado a expressão é profundamente poetica; e a imagem, saturando esses cantos primitivos que se perdem na escuridão dos tempos como os verdadeiros mananciaes da poesia, penetra fecunda no organismo da palavra e contribue para a formação e desenvolvimento da linguagem.

Só muito mais tarde, quando a civilização pouco a pouco ergue o homem ácima da vida instinctiva, a imagem se desenvolve conscientemente,

ganhando em perfeição e delicadeza o que vae perdendo da frescura da natureza virgem.

N'estas condições mais ou menos, desde antiguidade remota, por toda a parte mescla-se a imagem aos extases celestes do hymno, ao ardor patriótico da epopeia, ao entusiasmo impetuoso da poesia lyrica, e á acção terrivel ou graciosa do drama.

Com que variedade de colorido e de fórmulas entretanto ella apparece na linguagem poetica! Não é a mesma na poesia sacerdotal de outr'ora, assim como não é a mesma na poesia classica nem na poesia romantica.

Na poesia sacerdotal, sublime pela inspiração, as imagens, com a opulencia pomposa do genio oriental, derramam-se através das effusões do lyrisimo sagrado dos hymnos; e, sómente na poesia didactica, predomina sobre ellas a singeleza do tom sentencioso. Entre essas imagens umas são tiradas de objectos grandiosos ou formidaveis da natureza, que prodigalisa ao poeta as comparações destinadas aos louvores admirativos da Divindade. Não raro, porém, a linguagem poetica admite imagens vulgares, que aliás não deixam de ser expressivas pelo contraste que offerecem com a elevação da idéa.

Mas a poesia classica e a romantica são as que ostentam a imagem no mais apurado grau de perfeição, especialmente quanto á epopeia, cujo magestoso artefacto, sem detrimento da simplici-

dade, realçam as magnificencias da linguagem figurada.

Entretanto a poesia classica é sobria de imagens; d'ellas profusa a poesia romantica; e não só aquella deixa de multiplicá-las, mas tambem, ao contrário d'esta, de accumulá-las na pintura do mesmo objecto. São differenças accommodadas á disparidade da interpretação do ideal por cada uma d'essas poesias, ou ao grau de importancia diverso que o classismo e o romantismo attribuem á expressão do ideal na combinação da idéa com a fôrma.

Além do seu character figurado, a linguagem poetica se distingue por elegante dicção, composta de vocabulario escolhido e de uma construcção grammatical artisticamente arranjada. Mas a versificação é que lhe completa os labores caracteristicos da fôrma.

A imaginação da Grecia antiga representa por um mytho heroico a origem do verso: o primeiro hexametro devia ter sido dirigido pelas musas a Apollo, a fim de o esforçarem, quando elle, de arco em punho, diligenciava matar a serpente Python. Tocante tradição da India descobre a origem do verso em uma exclamação compassiva que o poeta Valmiki soltou, vendo cahir, juncto de si uma garça real ferida por certo caçador.

Abstrahindo, porém, de explicações phantasiosas, não custa a crer que junctamente com a

linguagem primitiva do homem nasceu a linguagem do verso, a qual por longo tempo foi inseparavel do canto, e subsistiu como a unica fôrma de expressão culta até a epoca de uma civilização mais adiantada. E' isto o que se observa na litteratura grega, que não conheceu a historia e a eloquencia, senão depois do completo desenvolvimento da poesia em todos os generos.

O emprego do verso assim pelos povos antigos, como pelos modernos, attesta a universalidade d'esta fôrma litteraria; o que até certo ponto justifica a necessidade d'ella. Tem-se, demais, considerado o verso como um auxiliar ou despertador da memoria, sobretudo em relação ao periodo anterior á invenção da escripta. Mas não é de tal vantagem que resulta propriamente a necessidade do verso, nem tão pouco da propriedade que elle tem de se ajustar á linguagem da imaginação e da paixão, conforme já se classificou a poesia.

O que torna o verso indispensavel á linguagem poetica é o ser elle a fôrma natural, congenita da poesia. O verso é com effeito para a poesia o mesmo que a fôrma plastica para a architectura e a esculptura, o mesmo que o colorido para a pintura, o mesmo, em summa, que o som rhythmico para a musica.

A' similhaça da imagem, o verso não tem sido uniformemente applicado em todos os tempos e paizes. Mas aqui a differença capital provém

dos dois systemas conhecidos de versificação, o antigo e o moderno.

A versificação antiga, e particularmente a da poesia grega e latina, baseiava-se no *rhythmo* fazia sobresahir o seu valor musical pela duração dos sons. Segundo ella, o verso constava de syllabas, que se combinavam em pés, attendendo-se á quantidade de cada uma, ou á lentidão ou presteza com que se pronunciavam. Assim composto o metro, e, demais, cadenciado pela cesura e os accents tonicos, produzia o *rhythmo*.

Similhante systema de versificação adaptava-se ao espirito da poesia classica; por meio d'elle a fórma poetica adquiria certa precisão e flexibilidade, assás favoraveis ao equilibrio que a expressão devia guardar com a idéa.

A poesia moderna, porém, propendendo a fazer prevalecer o elemento íntimo, é mais independente da fórma, que a poesia antiga. Assim, não tanto pela indole das novas linguas que lhe servem de instrumento, como por sua tendencia decisiva para o ideal, a poesia moderna teve de adoptar outro systema de versificação.

Não podendo subordinar-se á severidade do systema antigo, ella recorreu a uma versificação que, embora menos regular, lhe permite mais liberdade de expressão. Assim, em vez de *rhythmica*, é *syllabica*; substituiu á quantidade o numero das syllabas; deixou de medi-las, para conta-

las; deu por este modo cadencia ao verso, e a desenvolveu, sujeitando o verso a uma accentuação verbal energica, e á repetição symetrica de sons eguaes ou identicos, sobretudo dos primeiros, constitutivos da rima.

Esboçados, como estão, os caracteres geraes da poesia, parece tornarem-se palpaveis as differenças que a extremam da prosa. Resumem-se taes differenças no que respeita á concepção da idéa, á ordem da exposição, e ainda á fôrma exterior, peculiares á poesia e á prosa, sobretudo á prosa scientifica.

Emquanto a poesia é contemplativa, a prosa é especulativa. Emquanto a poesia, pela transfusão da imagem na idéa, vê a realidade embellecida pela imaginação, a prosa observa a idéa sob o aspecto puramente racional. Emquanto a poesia, allucinada pelos transportes ardentes da inspiração, idealisa a verdade, que a interessa só pelo prestigio do bello, a prosa, obedecendo á influencia da razão calma, acolhe a verdade apenas com seu valor positivo, não a aprecia senão pelas suas relações logicas com outras verdades.

Por caminhos irregulares, segue espontaneamente a poesia o vôo da inspiração; só a inspiração lhe marca o ponto de partida e o passo em que deve parar; guiada pelo raciocinio, a prosa se atém ao methodo; percorre com firmeza, um por um, os estreitos degraus da analyse, ou se

espraia confiadamente pela ampla esfera da synthese. Fascinando a imaginação pelo esplendor da imagem, e, embalando-a com as modulações suaves do verso, a poesia seduz o espirito a fixar-se na apparencia sensível do objecto, a fim de communicar-lhe o sentimento do bello; pelo encadeamento cerrado da indução ou da deducção, a prosa força o espirito a concentrar-se na demonstração da verdade, unicamente por amor da convicção.

Finalmente, por mais que a prosa se atavie dos primores da dicção e das louçanias do estylo; por mais perceptível que seja a euphonia mechnica da sua phrase e a cadencia dos seus periodos; em uma palavra, por mais que a prosa se aproveite dos cabedaes da poesia, não logrará possuir cabalmente as riquezas da linguagem poetica:

Não obstante, ha quem reconheça uma prosa poetica, e até a prefira á poesia, sob pretexto de liberdade e naturalidade de expressão.

Se prosa poetica designa uma especie de estylo mais flórido, cadencioso e remontado, do que o estylo commum da prosa, poder-se-ha deixar passar a denominação, apezar da estranha alliança de duas palavras de sentido tão opposto. Se, porém, se quer dar a entender que o dominio da poesia não comprehende tão sómente as obras em verso, mas ainda certas composições em prosa

capazes de produzir exaltação d'animo e ao mesmo tempo commoção moral, então seja licito dizê-lo, a prosa poetica orça por um contrasenso.

V

A eloquencia e a historia são os dois generos de prosa mais susceptiveis de participar da natureza da poesia; e a primeira é tão visinha a esta, que muitos preceptistas não conhecem outra differença entre ambas além da versificação.

Entretanto differenças não menos notaveis traçam os limites que separam da eloquencia e da historia a poesia.

Começando pela eloquencia, qual o fim a que ella se propõe? Não é certamente exprimir o bello, mas convencer e persuadir, ou fazer o espirito acceitar a verdade, mostrando-lh'a sob o aspecto mais agradavel, mais luminoso, mais tocante. Ora, como essa verdade é tendente a interesses positivos da sociedade politica ou civil, da religião, da justiça, da sciencia e das letras, segue-se que o fim da eloquencia tem um caracter inteiramente práctico.

E' por isso que elle impõe ao orador certos deveres, que na composição do discurso não lhe deixam o mesmo grau de liberdade com que o poeta realisa suas creações.

O orador está na immediata dependencia do auditorio a que falla; antes de tudo, precisa re-

commendar-se por certos dotes moraes, verdadeiros ou apparentes, proprios a dar-lhe auctoridade á palavra; assim como guardar várias conveniências com esse auditorio, se quer ser escutado devéras por elle.

Depois, o orador não é livre na escolha dos factos do discurso, a ponto de podêr omittir aquelles que não satisfazem ao bello; nem tão pouco lhe é permittido, no interesse do bello, alterá-los ou transformá-los. Sua narração deixára de ser consoante á verdade, ponto superior em que põe a mira, se ella peccasse por incompleta ou infiel. Cumpre ao orador discutir esses factos, sobrecarregados de pormenores, muitas vezes aridos, enfadonhos, observando certa ordem, tanto na exposição d'elles, como no manejo das provas.

Todavia, o bello anima frequentemente a eloquencia, dando-lhe os privilegios da poesia; e só então a eloquencia pôde considerar-se a soberana das almas, como já mereceu ser chamada. O bello, porém, segundo se notou, não é o fim da eloquencia; concorre, portanto, no discurso para tornar mais insinuante e convidativa a demonstração da verdade. E' o que se verifica a respeito da expressão oratoria das paixões, e bem assim do estylo figurado.

Mas por isso mesmo que o bello é meio para a eloquencia, assim como é fim para a poesia, nem o pathetico nem o estylo oratorio se confundem com o pathetico e o estylo poetico.

Quanto á historia, ella tambem, como a eloquencia, se dirige ao conhecimento da verdade, divulgando-a baseiada em factos memoraveis, simplesmente expostos, ou acompanhados do movimento dramatico dos personagens, e de investigações politicas ou philosophicas ácerca do desenvolvimento social e individual dos povos.

A primeira condição, pois, da historia é fazer valer a verdade por meio de crítica profunda e imparcial.

Ora, a verdade historica é a propria realidade; e, comquanto o historiador deva apurar a importancia dos acontecimentos, não tem o direito de narrá-los contravindo á realidade, e, muito menos, de inventar ou desfigurar um só facto.

Assim a historia se distingue da poesia, tanto pela indole, como pelo modo de tractar a verdade. A verdade historica é outra da verdade poetica.

De feito, contenta-se a poesia em representar o acontecimento historico de accôrdo com o espirito do seu seculo e o genio proprio de sua nação, sem sacrificio aliás da fidelidade dos caracteres geraes dos personagens e dos acontecimentos. Foi assim que Shakspeare, interpretou a verdade poetica. Póde-se dizer o mesmo a respeito de Calderon, que soube dar o cunho de character nacional aos assumptos estrangeiros que introduziu no theatro hespanhol. Racine e Corneille, porém, não deixaram de abusar de similhante liberdade.

VI

Ninguém até hoje, tão concisa e eloquentemente como Horacio, definiu o poeta, reservando este nome áquelle que possui genio e espirito divino, e cuja bôcca faz ouvir grandes coisas.

Na verdade, o que caracteriza o poeta é o genio; a qualidade poetica em que as demais se encerram, consiste n'esse poder de crear, que na escala dos seres parece collocar o poeta logo abaixo do Creador supremo.

Dote inestimavel, commum aos intérpretes da arte, é o genio que tem feito irmanar todas as artes com a poesia; mas nem por isso o poeta deixa de ser o artista por excellencia.

Quem quer que tem imaginação assás viva e sensibilidade facilmente excitavel, é apto para gozar a ineffavel emoção do bello. O bello falla irresistivelmente ás almas de eleição. Quer se ostente no meio das harmonias e maravilhas do universo, quer se reflecta nas manifestações naturaes ou artisticas do pensamento e do sentimento humano, o bello attrahe a contemplação de todos que o entendem, e os recompensa, infundindo-lhes no espirito admiração e entusiasmo.

Comtudo, sómente a alma privilegiada que, além de sensibilidade e imaginação peregrinas, for favorecida do genio, será capaz de experimentar, em presença do bello, a admiração e o enthu-

1.482.5/4AA/2016

siasmo levados ao cúmulo; sómente ella logrará conservar no espirito, indelevel, persistentê, a impressão causada pelo bello; sómente ella ter' o podêr de communicar a outrem a emoção esthetica reproduzida no maior grau de intensidade.

E' isto o que se dá com o poeta.

O poeta de outrora se julgava sob a influencia de um deus, que lhe morava n'alma, e lhe accendia o estro, em agitando-se n'ella. Esse deus foi conhecido melhor pelo poeta moderno; é a propria inspiração.

Ella é realmente quem acaba de exaltar a alma do poeta, já subjugada pelo extase do bello, assim como quem esclarece do mais vivo raio de luz a imagem da belleza, anciosamente afagada pela imaginação do poeta.

E a quem senão á inspiração se abandona o poeta, no auge d'essa especie de allucinação, que tornando-lhe a intelligencia singularmente penetrante, lhe faz devassar as miragens mysteriosas do ideal?

Quanto mais a criação do poeta for inspirada, tanto mais repassada será da emoção que o domina; e o podêr de seu genio está em fazer que essa emoção seja sentida por outrem o mais energeticamente possível.

Para exprimir-a, tem o poeta á sua disposição as fórmulas que a arte, afeiçoa e embelleza com seus primorosos adornos.

VII

As fórmulas poéticas, além de multiplas, são differentes entre si; variam segundo a natureza da concepção que traduzem. E' uma para a narração dos feitos notaveis que esmaltam os fastos nacionaes de um povo; é outra para as expansões dos sentimentos individuaes, enthusiasticos ou ternos; é outra ainda para a representação da vida humana, restricta a alguns personagens, que resumem parte d'esta debaixo da face mais interessante.

Além d'isto, não é a mesma a fórmula poetica, se a idéa respectiva se resolve n'um ensinamento, derivado, ou de uma verdade religiosa, philosophica e de utilidade prática; ou das descripções da natureza; ou de breves narrativas, assim ficticias, como allegoricas; ou das censuras infligidas ao vicio, e dos apódos em que o ridiculo incorre; ou de reflexões criticas, dictadas pela sabedoria e experiencia no tom da intimidade epistolar.

Emfim, as inspirações passageiras, filhas da tristeza, da facecia mordaz ou do amor, e despertadas por uma circumstancia qualquer, precisam casar-se com apropriadas fórmulas poéticas.

Ora, o complexo das fórmulas poéticas correspondentes a tão diversos assumptos, presta-se á divisão ou classificação d'ellas, sob o titulo de generos de poesia.

A poesia póde ainda ser dividida debaixo de outras relações, como: sagrada ou profana, segundo a sua essencia religiosa ou temporal, antiga ou moderna, conforme a epoca em que se produziu, e classica ou romantica, de accôrdo com as fórmãs estheticãs geraes, que ella tem apresentado no seu desenvolvimento historico.

Mas de todas essas divisões a que mais particularmente interessa ao estudo da poetica, diz respeito aos generos que a poesia comprehende.

Desde muito sente-se a difficuldade de classificá-los em typos uniformes e invariaveis, claramente distinctos uns dos outros; porque suas differenças especificas não bastam a extremá-los entre si com rigorosa exactidão.

Sem embargo, tornou-se commum a divisáo dos tres generos principaes em epico, lyrico e dramatico. A esta categoria costuma-se junctar uma classe de especies mixtas ou generos accessorios. Taes são o genero didactico sob a fórmula didactica propriamente dita, ou descriptiva, satyrica, allegorica e epistolar; assim como o genero pastoril e o genero proveniente das chamadas poesias ligeiras.

A primeira observação que suscita o conhecimento dos generos principaes de poesia concerne ao desenvolvimento que desde a origem tiveram. Esse desenvolvimento não foi completo em todos os paizes a que pertence a poesia antiga; ao passo

que se manifesta em sua plena extensão na poesia dos povos modernos.

Antigamente a cultura litteraria concentrav-se muito mais que nos tempos da nova civilisação. Ha cinco familias apenas que se podem dizer as guardas fieis dos thesouros poeticos de outr'ora: são os Hebreus e os Arabes, da raça semitica, e de outro lado os Indios, os Gregos e os Romanos, da raça indo-européa.

No emtanto o genio poetico de uma e outra d'essas raças não attingiu o mesmo grau de fecundidade. A poesia é menos variada entre as familias semiticas, do que entre as indo-européas.

Absortos na inspiração divina, os Hebreus não passaram do genero lyrico; assim como os Arabes o mais que conseguiram, foi dar um tom epico a essa fórma, unica tambem entre elles conhecida. A uns e outros, portanto, faltaram a epopeia e o drama.

A poesia da India e a da Grecia, ao contrário, são opulentas nos tres generos principaes, distinguindo-se n'elles por sua originalidade absoluta. Tambem a poesia latina os abrange todos, embora já imitados.

Cumpre agora observar mais que a poesia india e a grega foram até hoje as unicas em que os generos principaes se produziram segundo certa ordem successiva e natural.

Com effeito, a poesia india começa pelos hym-

nos vedicos; depois de largo espaço, formam-se as suas colossaes epopeias; e, só muito mais tarde, ella cultiva o drama, ao qual o genero lyrico devia ter precedido. A Grecia igualmente, nos tempos primitivos, enceta a sua poesia pelos hymnos sacerdotaes; em tempos muito posteriores, apparecem suas epopeias célebres; nasceu-lhe a poesia lyrica em outra epoca muito mais adiantada; até que, por último, surgiu o seu theatro.

Correspondeu tão regular desenvolvimento poetico aos graus ascendentes da civilisação dos dois paizes.

Baseia-se n'elle a divisão dos tres generos de poesia, conforme a essa ordem que originariamente seguiram.

Os caracteres geraes do genero epico, do lyrico e do dramatico têm sido fixados em attenção ao objecto de cadaum d'esses generos, com referencia á intervenção da personalidade do poeta na composição d'elles.

Assim a epopeia, com a sua narração de grandes e illustres acontecimentos, através dos quaes se desenha a toda a luz a physionomia de uma nação, de uma raça e até da humanidade, parece deixar na sombra a figura do poeta, comquanto seja elle o auctor de similhante narração, e muitas vezes a faça directamente por si. Entendida por esta maneira a ausencia da individua-

lidade poetica na epopeia, o genero epico se distingue pelo seu caracter objectivo.

No genero lyrico, porém, o poeta é o principal interlocutor e actor. Ou se dirija a Divindade pelo hymno, pelo psalmo, pelo cantico, ou, acceso de enthusiasmo, commemore os feitos gloriosos que enaltecem a patria; ou desafoque, em odes graciosas e suavissimas canções, suas scismas e anhelos de amor, suas alegrias e tristezas, suas venturas e revezes, o poeta lyrico falla e obra sempre em seu nome, e assim accentúa com vigor a sua individualidade. D'aqui vem que o genero lyrico é tido como exclusivamente subjectivo.

O drama representa, como a epopeia, uma acção; mas esta não se desenrola em um vasto quadro, abalando a imaginação pela grandeza do heroismo e pelo maravilhoso, que derrama sobre elle clarões magicos; passa-se diante dos nossos olhos, concentrada em diversos individuos, que personificam, em seu contraste, opiniões, sentimentos, paixões, caracteres, relativos á certa epoca da historia, ou da vida social de um povo. Ligada assim a acção aos personagens, aquella exprime o princípio impessoal da epopeia, e os personagens recordam o elemento individual da poesia lyrica; de sorte, que o genero dramatico se torna um genero mixto, ou objectivo em parte e em parte subjectivo.

Abstrahindo, porém, de semelhantes distincções,

aliás consagradas pela esthetica moderna, o que parece fóra de dúvida, é que, apesar d'ellas, o primeiro caracteristico de qualquer dos generos de poesia deve consistir na expressão que lhes imprime a personalidade do poeta.

Se a personalidade do poeta se patenteia directamente na poesia lyrica, porventura deixa de ter influencia, embora indirecta, na poesia epica e na dramatica? Porventura o que n'estas o poeta reconta, o que pinta, o que exalta, o que condemna, o que faz dizer aos personagens, em última anályse, não é fructo bemdito da inspiração, a qual á sua imagem crêa quadros, scenas, typos, successos, e funde tudo de um jacto no molde grandioso da arte?

O poeta nunca deixa de estar presente na sua obra, quer seja poema lyrico, quer seja poema epico ou dramatico. Não ha fórmula poetica nenhuma, que, por assim dizer, não se impregne das idéas e dos sentimentos que tumultuam no cerebro do poeta, ao dar vida á filha dilecta do seu genio.

Tanto isto é verdade, que são essas idéas e sentimentos que distinguem as duas fórmulas predominantes revestidas pela poesia na sua manifestação esthetica em todos os tempos e paizes.

O que realmente assignala a poesia classica e a poesia romantica, é o seu ideal religioso, transumpto das crenças religiosas do poeta ou do paiz

a que pertence; é, ao mesmo tempo, o seu ideal profano, aggregado harmonioso das idéas e dos sentimentos da vida commum, acolhidos pelo poeta.

Ora, este duplo ideal rasga entre a poesia classica e a romantica a mesma linha divisoria que separa a civilização antiga da moderna.

Sob o aspecto religioso, a poesia classica é a concreção formosa do polytheismo da Grecia e de Roma, bem como do culto rendido por estes dois paizes aos deuses mythologicos, a cuja extensa familia se alliavam os semideuses e os heroes. A imagem divina debaixo de fórmulas humanas, como representação de todas as forças da natureza terrestre, eis o que dá relêvo ao sentimento religioso na poesia classica.

No tocante aos outros sentimentos, ella por certo exprime algumas paixões elevadas e commovedoras. Póde-se até affirmar que é inexcedivel quando tenta excitar o terror do crime e a compaixão pelos desditosos; quando ainda se anima do patriotismo, que muitas vezes lhe vibra palpitante, não só nas estrophes da epopeia, como na ode e na elegia, nos coros e nos dialogos do drama.

Alimentada de todos estes sentimentos, a poesia classica da Grecia attingiu nos generos principaes a perfeição artistica da fórma. Fascinada por tal perfeição, não se cansaram de imitá-la os poetas romanos. E, quando o renascimento, com

avidez febril, a resuscita, é tão forte a admiração que ella acorda no espirito dos poetas modernos, que a sua influencia chega a atravessar alguns seculos, universal, decisiva.

Vem finalmente desthroná-la a poesia romantica.

Porque modo realisa esta o seu ideal? A poesia romantica respira o sentimento christão, que, libertando dos carceres terrenos a alma do poeta, a eleva de continuo á contemplação de um só Deus omnipotente, prototypo da perfeição absoluta, infinita. D'este Deus, fonte da belleza eterna, deriva a essencia da poesia romantica.

E com que palavras encarecer assás os demais sentimentos que a poesia romantica exprime, como a honra, a fidelidade, o amor?

Foram os povos germanicos, que a historia chama de barbaros, que, durante suas terriveis invasões, introduziram taes sentimentos nos costumes da Europa. O christianismo os aperfeçoou; até que, vindo a edade-média, elles se derramaram na sociedade feudal, e deram nascimento á cavallaria.

Então a poesia moderna, que brotou com aquella instituição, fê-los thema predilecto dos seus cantos, e d'ahi por diante os tem desenvolvido, accorde com as modificações sociaes por que elles têm passado, em virtude da marcha da civilisação.

A honra, a fidelidade, o amor, taes quaes os

interpreta a poesia romantica, são sentimentos que a poesia classica não conheceu. A honra, proveniente da estima em que temos a nossa dignidade humana, e baseada, menos no cumprimento estricto do dever, que no valor infinito da nossa personalidade; a fidelidade, resultando da livre dedicação do companheiro ao chefe, do vassallo ao senhor feudal, do subdito ao soberano; o amor, produzindo, pelo desapêgo da propria individualidade, a identificação do homem e da mulher em uma só alma, em uma só vida; estes sentimentos, com effeito, ou considerados singularmente, ou nas collisões que engendram, não transluzem sequer na poesia classica; são exclusivamente da poesia moderna e predominam na poesia romantica, a ponto de lhe darem tambem um caracter distinctivo.

O amor, sobretudo, repassou a poesia romantica de uma delicadeza, de uma graça, de uma eloquencia arrebatadoras. Já não é a chamma ephemera accesa pela paixão sensual; é a centelha purissima cujo ardor a religião tempêra e perpetúa.

Foi pelo amor que a poesia romantica outr'ora começou; e isto mesmo observa Augusto Schlegel n'esta elegante e profunda passagem:

— « Sob a salvaguarda da virtude cavalheiresca, o amor tomou um caracter mais puro e mais sagrado; tornou-se uma homenagem exaltada rendida a seres, que, em a natureza humana, de-

vem talvez approximar-se mais da natureza dos anjos; a religião mesma parecia consagrar este culto, apresentando, sob uma fôrma divina, á veneração dos mortaes, o que ha sobre a terra de mais puro e mais tocante, a innocencia da virgem e o amor de mãe. »

A poesia romantica, depois que, por volta de um seculo, transformou de vez a poesia moderna, expellindo para sempre do seio d'esta a influencia classica, produziu em todos os generos obras-primas numerosas, que não invejam a quantas precedentemente os enriqueceram.

Comtudo, de alguns annos a esta parte, a poesia tem pouco a pouco emudecido; e, no meio da voga progressiva da sciencia, parece estar destinada a perecer.

Por mais, porém, que a sciencia esquadrinhe a natureza e lhe devasse os reconditos segredos, é impossivel que suffoque a inspiração.

A poesia não cessará de existir, emquanto viver o homem, de cujo espirito o sentimento do bello é tão inseparavel como o proprio pensamento.



